

Entendimentos sobre museu a partir de músicas brasileiras

Understandings of museum from Brazilian music

228

MUSEOLOGIA & INTERDISCIPLINARIDADE Vol. 10, n.º 20, Jul./Dez. de 2021

Sérgio Sganzerlla¹Daniela Franco Carvalho²

DOI 10.26512/museologia.v10i19.37623

Resumo

Esse texto apresenta entendimentos sobre museu a partir de músicas brasileiras. Buscamos em plataformas de serviço de *streaming*, produções que tivessem na letra, ou no título, a palavra museu. Reunimos 39 músicas, cujas letras foram observadas e o conteúdo dialogado com a literatura na perspectiva da pesquisa narrativa. Com gêneros musicais diversos – rock, pop rock, rap, funk, mpb, samba, infantil, gospel e sertanejo – as produções apresentam diferentes concepções sobre museu, desde àquelas centradas em lugar de coisas velhas até entendimentos mais amplos que abarcam o papel social e político da instituição museal.

Palavras-chave

Museu. Instituição museal. Música brasileira. Narrativa. Concepções.

Abstract

This text presents understandings about the museum based on Brazilian music. We searched for streaming service platforms, productions that had the word, or in the title, the word museum. We gathered 39 songs, whose lyrics were observed and the content dialogued with literature in the perspective of narrative research. With diverse musical styles - rock, pop rock, rap, funk, mpb, samba, kids, gospel and backcountry - the productions present different conceptions about museum, from those centered in place of old things to broader understandings that embrace the social and political role of the museum institution.

Keywords

Museum. Museum institution. Brazilian music. Narrative. Conceptions.

Inspiração museal-musical

Nos encontramos no curso promovido pelo MUnA³ de Educação em Museus disponibilizado de forma remota. Participantes de diversos locais do Brasil se juntaram em estudos e conversas sobre aspectos que perpassam os fazeres dos setores educativos de instituições museais. Quando discutimos sobre os museus no contemporâneo, falamos de serem tantos. Diversos. Múltiplos. Museus sem paredes. Museus ruas. Museus cidades. E que em busca de agregar

1 Graduado em Licenciatura em Artes Plásticas pela Fundação Armando Álvares Penteado, mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia e especialista em Arte Educação. Atualmente é professor do IPEC (Instituto de Pesquisas Educacionais) ministrando aulas de Educação e Novas Tecnologias, Linguagens e Comunicação e Arte-Educação e do SENAC na formação de Jovens Aprendizizes. sergiosganzerlla@gmail.com

2 Graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas com doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora do Instituto de Biologia e do programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. danielafrancocarvalho@gmail.com

3 @muna.ufu

público, diversas instituições museais passam a ofertar aos visitantes um número crescente de possibilidades de estar, desde roda de conversa com os artistas/cientistas/historiadores até festas de aniversário, happy hours, shows, mesmo que de forma virtualizada nesses tempos pandêmicos.

Lemos o texto de Carine Costa (2010: 416) que nos provocou a pensar como os museus têm incorporado novas temporalidades. E desdobramos essa provocação em imaginar em quais formatos os museus nos chegam no contemporâneo, nesse cotidiano digitalizado que temos vivido. Alguém comentou dos filmes e séries. Palpitamos sobre músicas. Sugerimos uma *playlist*⁴ para o curso que tivesse os museus como protagonistas das letras. E passamos a pensar as músicas como pesquisa. E nos lançamos às possibilidades de entendimentos sobre museu a partir de músicas brasileiras.

Produção de narrativas musicalizadas

Para a criação da *playlist* partimos de músicas brasileiras que já conhecíamos e fomos incorporando outras, através de buscas em plataformas de *streaming*. Acessamos todas as músicas encontradas no idioma português via plataforma de compartilhamento de vídeos Youtube. Ouvimos atentamente as músicas da *playlist* e uma que havíamos adicionado, por se tratar de uma canção lusitana⁵, não incorporamos na pesquisa.

Buscamos as letras das músicas na página do Letras⁶ e aquelas que não estavam disponíveis, escrevemos a partir da escuta do videoclipe. Olhamos para as letras compreendendo-as como objetos da pesquisa narrativa.

Clandinin e Connelly (2011: 107) apontam que “[os pesquisadores narrativos] delineiam possíveis encontros e ligações entre as tantas e multifacetadas narrativas presentes no campo de pesquisa”. O trajeto da pesquisa narrativa está na vivência de diversas experiências de uma paisagem que proporcionam um processo reflexivo de aprendizagem baseado em recolher tais expressões narrativas em forma de textos de campo e reconta-las em uma pesquisa (CLANDININ; CONNELLY, 2011: 117).

Observamos nas letras, em quais trechos que a palavra museu ou menções à instituição museal apareciam e, sem prejuízo da compreensão do sentido atribuído, os recortamos para compor a escrita. Identificamos o gênero musical de cada canção, os museus citados nas músicas e às temáticas associadas ao significado de museu. Com esse arcabouço narrativo, produzimos textos de campo dos entendimentos possíveis sobre museus que as letras das músicas veiculam, em dialogia com a literatura.

Gênero musical

O gênero musical das 39 músicas brasileiras observadas são:

Rock/pop rock (8): O tempo não para/Cazuza; Disneylândia/Titãs; Museu do Mundo/O Último número; Museu dos pobres/Supla; Museu da palavra/Motel 1111; A saudade é o museu do amor/Biquini Cavado e Beth Hart; Museu/Infinitário; Museu de cera/Engenheiros do Hawaii;

4 A *playlist* de acesso público será divulgada na versão final do texto

5 <https://www.youtube.com/watch?v=IZpdRjIhwi0>

6 www.letras.mus.br

Samba (3): Quem dá mais?/Noel Rosa; Uma noite real no Museu Nacional (Imperatriz Leopoldinense)/ Jorge Arthur, Maninho do Ponto, Julinho Maestro, Marcio Pessi e Piu das Casinhas; Uma noite no museu/Acadêmicos do Tucuruvi - Turko, Maradona, Rafa do Cavaco, Diego Nicolau, Dr. Eduardo, Gustavinho Oliveira e Tinga;

RAP (5): Um brinde à amizade/Boss AC & Gabriel o Pensador; Minotauro de Borges/Baco Exu do Blues; Museu Rodin/Oddish Castro; Crime vai e vem/Racionais Mcs; Nova Colônia/Orochi;

MPB (9): Bienal/Zeca Baleiro & Zé Ramalho; Museu/Chico César; Sampa Midnight/Itamar Assumpção; Dama do Cassino/Caetano Veloso; Museu/Anima Mea; Deixe seu museu/João Ferreira; O museu fala – queimo mas eu teimo/Anand Rao; Museu Nacional/ Iara Ferreira e Ian Faquini; Coruja muda/Siba e Chico César;

Funk (1): Museu dos Mandrake/MC Lipi;

Gospel (2): Museu do céu/Gerson Rufino;Velho museu/Juliana Souza;

Sertanejo (8): Está faltando uma viola no museu/João Pacífico;Virou Museu/Boa toada & Loira Marrenta; Forró no museu de cera/Sérgio Reis; Caranguejo/Aviões do Forró; Museu do meu pensamento/Os dois violeiros – Guilherme e Neto; Museu do Meu Sertão/Tonico e Tinoco; Não sou museu/Nego Rico; Museu de Arte/Léo Magalhães;

Infantil (3): Museu do Fu-manchu/Chico Roque e Serginho Bastos; Fun museu/Tamires Caroline Pereira; O museu cocoricó/Fernando Salem.

O conceito de museu se infiltra em cenários sociais diversos, tendo em vista a ecleticidade musical. Para Céspedes (2014, p. 144), as diferenças de gosto musical, por estarem condicionadas à disposição estética - e esta, por sua vez, condicionadas a níveis de renda e escolaridade - são também divisões de classe social. “Assim, todas as disputas e mecanismos descritos nas dinâmicas das lutas de classe se reproduzem nas discussões em torno do gosto musical”. As preferências dos gêneros chamados de “populares”, não deixam de se pautar pelas hierarquias estruturantes da sociedade, e que confirma a opinião de Carlos Lyra (músico brasileiro), para quem “a bossa nova não é música de geração. É de classe social” (ARANTES, 2005, p. e1), e que curiosamente conduziu, depois do movimento da Bossa Nova, temas mais populares e políticos em suas músicas. Como encontramos músicas de gêneros muito diferentes que mencionam a palavra museu, ou o contexto museal, independentemente do gosto musical dos ouvintes, entendimentos sobre museu são disseminados a partir dessas músicas a públicos distintos.

A música mais antiga que cita a palavra museu é o samba de Noel Rosa⁷ (Quem dá mais?) que traz os versos “Ninguém dá mais de cinquenta mil réis? Quem arremata o lote é um judeu. Quem garante sou eu. Pra vendê-lo pelo dobro no museu. Quem dá mais por um samba feito nas regras da arte?”. Um samba de 1932, que trouxe para a letra uma sofisticação discursiva até então nunca

7 https://www.youtube.com/watch?v=9NJGfRb_s4w

esboçada na canção popular, um tom sofisticado ao encontro da língua nacional tão procurada pelas produções artísticas da elite literária nacional (modernista). Através do humor e da ironia como discurso, critica o distanciamento dos valores sociais dominantes por um caminho paralelo, já que nunca houve algum tipo de interlocução entre o sambista com algum poeta modernista. Nesta época havia trinta museus em funcionamento no país (IBRAM, 2011: 59). Atualmente há 3.807 museus segundo a plataforma Museusbr⁸. Com o aumento no número de instituições museais e a democratização do acesso a esses espaços, os entendimentos sobre museu passam a circular de forma mais intensa nos diálogos sociais e acabam se tornando tema de músicas e de outros artefatos culturais como filmes, séries, documentários e postagens em redes sociais.

Museus

Oito museus foram citados nas canções ou indiretamente mencionados:

Museu Nacional (O museu fala – queimo mas eu teimo/Anand Rao, Museu Nacional/Iara Ferreira e Ian Faquini, Nova Colônia/Orochi, Museu/Anima Mea, Uma noite real no Museu Nacional – Imperatriz Leopoldinense)/Jorge Arthur, Maninho do Ponto, Julinho Maestro, Marcio Pessi e Piu das Casinhas) – O Museu Nacional⁹, fundado em 1818, é vinculado à Universidade Federal do Rio de Janeiro e está localizado na Quinta da Boa Vista. Foi mencionado no sambá-enredo¹⁰ da escola carioca Imperatriz Leopoldinense no carnaval de 2018¹¹, e na noite de 2 de setembro do mesmo ano, foi incendiado, tendo o acervo com cerca de 20 milhões de itens totalmente destruído.

Museu Rodin (Museu Rodin/Oddish Castro) – O Museu Rodin é um museu parisiense de 1919, cuja filial em Salvador, no bairro da Graça foi inaugurado em 2002. O rapper baiano Oddish Castro menciona o Museu Rodin Bahia, também conhecido como Palacete das Artes¹².

Fun Museu (Fun museu/Tamires Caroline Pereira) – O Fun Museu¹³ foi inaugurado em fevereiro de 2020, na cidade Balneário Camboriu (SC), e teve as atividades encerradas em fevereiro de 2021. Com a proposta de ser o museu da diversão e do *self*, estimulava os visitantes a postarem fotos nas redes sociais a partir dos diferentes cenários do museu.

Museu Memorial do Peão de Boiadeiro (Museu do meu pensamento/Os dois violeiros – Guilherme e Neto) – O Museu Memorial do Peão de Boiadeiro¹⁴, em Barretos (SP), conta a história dos rodeios no Brasil por meio de objetos e da história de cavaleiros.

8 <http://museus.cultura.gov.br/>

9 <http://museunacional.ufrj.br/>

10 <https://www.youtube.com/watch?v=OixzY8ID3qA>

11 <https://setor1.band.uol.com.br/destruido-por-incendio-museu-nacional-da-quinta-ja-foi-enredo-da-imperatriz/> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/03/carnavalesco-que-fez-enredo-sobre-museu-nacional-diz-que-muitas-colecoes-nunca-foram-expostas-por-falta-de-condicoes.ghtml>

12 <https://museupalacetedasartes.wordpress.com/>

13 <https://www.funmuseu.com.br/>

14 <https://cavalus.com.br/modalidades/rodeio/nem-so-de-rodeio-e-shows-vive-a-festa-do-peao-de-barretos/>

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP (Sampa Midnight/Itamar Assumpção) – O MASP¹⁵ foi fundado em 1947 e desde 1968 está na sede projetada pela arquiteta Lina Bo Bardi, na Avenida Paulista, em São Paulo (SP), em frente ao Parque Trianon, mencionado na música.

American Museum of Natural History (Uma noite no museu/Acadêmicos do Tucuruvi - Turko, Maradona, Rafa do Cavaco, Diego Nicolau, Dr. Eduardo, Gustavinho Oliveira e Tinga) – O AMNH¹⁶ é um dos mais importantes museus de história natural do mundo. Desde sua fundação em 1869, está abrigado no mesmo edifício no *Central Park*, em Nova York (EUA). Foi cenário das gravações da trilogia do filme “Uma noite no museu”, baseada no livro infantil de Milan Trenc e dirigida por Shawn Levy. A escola de samba paulistana Acadêmicos do Tucuruvi fez uma homenagem no carnaval de 2018 aos filmes e ao museu.

Metropolitan Museum of Art (Disneylândia/Titãs) – O Met¹⁷ foi inaugurado em 1872 e é considerado um dos mais importantes museus de arte do mundo, com obras egípcias, romanas, gregas e assírio-babilônicas. Como a música se refere a “múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York”, provavelmente é uma menção ao Met, por ser internacionalmente famoso pela coleção de múmias.

Museu da Língua Portuguesa (O museu fala – queimo mas eu teimo/Anand Rao) – O Museu da Língua Portuguesa¹⁸ foi inaugurado em 2006, na Praça da Luz em São Paulo (SP) para contar a história do idioma português de forma interativa, mas atualmente encontra-se em processo de reconstrução, devido a um incêndio ocorrido em dezembro de 2015. A música faz referência ao museu como “minha irmã Língua Portuguesa já queimou e ninguém nos conservou”, numa relação dos eventos trágicos ocorridos no Museu da Língua Portuguesa e no Museu Nacional.

Não podemos deixar de citar, mesmo que aqui não esteja inserido no texto, um museu da própria música, o *Rock and Roll Hall of Fame and Museum* que foi criado em 1995, no estado de Cleveland (USA), onde se encontram vários objetos ligados a vários estilos musicais como guitarras, roupas, carros, além da discografia completa de várias bandas e cantores, fazendo dele um resgate da história da música que explora o passado, com o rádio que levava as canções à grande massa, o presente com a internet e podcasts, e o futuro, com o que virá, da música e do contexto cultural da qual ela emerge.

Entendimentos sobre museu a partir de músicas brasileiras

Percorrendo as letras das músicas no trajeto da pesquisa narrativa, produzimos textos de campo em aliança com uma gama de autores que nos auxiliaram a perceber os possíveis entendimentos sobre museu a partir das músicas brasileiras.

15 <https://masp.org.br/>

16 <https://www.amnh.org/>

17 <https://www.metmuseum.org/>

18 <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/>

O entendimento mais frequente sobre museu é de lugar que guarda coisas velhas, como colocado por Costa (2010: 416) reconhecidos [os museus] pela maior parte da população como lugares do passado. Encontramos oito referências em diferentes gêneros musicais que nos levam a esse entendimento. Chagas e colaboradores referindo-se a uma pesquisa de 1987 sobre como transeuntes urbanos percebiam as instituições museais do Rio de Janeiro, apontam que “a imagem mais difundida no imaginário social (...) estava ligada à ideia de museu como coisa velha, coisa antiga” (CHAGAS et al, 2010: 50). De alguma forma esse imaginário social permanece e está sendo veiculado por essas músicas.

A música infantil de Fernando Salem, roteirista e compositor de trilhas sonoras de diversos programas infantis como Vila Sésamo, Castelo Rá tin bum e Cocoricó, séries infantis da TV Cultura, São Paulo, faz menção ao antigo, ao tempo que já passou e à possibilidade de guardar o tempo na memória.

Tudo por aqui é muito antigo
Coisas de um tempo que já passou
(...) Mesas, pratos, vasos e pinturas
De gente que a gente não conheceu
Quantos objetos e esculturas
Tudo é tão bonito no museu...
Tudo mudou e o que ficou é história
Agora eu vou guardar o tempo na memória...
(O museu cocoricó/Fernando Salem¹⁹)

Essa música também faz referência ao museu como salvaguarda dos objetos mencionados e da história que pode ser preservada. Nesse sentido, podemos pensar no “entendimento da salvaguarda em seu significado mais abrangente, como proteção e garantia prestados por instâncias institucionais (...) de processos educacionais condicionados à preservação do patrimônio, em um movimento orgânico” (BORBA, 2017: 76).

Quatro músicas sertanejas referem-se ao museu como lugar de passado, em associação a um amor perdido que não tem mais como permanecer:

(...) Quando você acordar
Não pense em me procurar
Pois já vai ser bem tarde
Já estou cansado
Quem vive de passado
É museu de arte
(Museu de Arte/Léo Magalhães²⁰)

Eu não sou museu
E nem repito figurinha
O carro da vida não tem marcha-ré
Eu já dei um delete na nossa historinha
(...) Nem venha com essa de amor me perdoe
Vacilou já foi é assunto encerrado
Eu vivo o presente olhando o futuro
E não tem futuro, viver de passado
(Não sou museu/Nego Rico²¹)

19 <https://www.youtube.com/watch?v=jabvqb3iTUY>

20 <https://www.youtube.com/watch?v=wzKkbREP7EE>

21 <https://www.youtube.com/watch?v=BIAOMckSHqE>

Vai...
Vai na paz e não volta jamais
Quem vive de passado é museu
Caranguejo é quem anda pra trás
Se não deu valor, então vai
Vai na paz e não volta jamais...
(Caranguejo/Aviões do Forró²²)

(...) Quer voltar?
Não tem jeito
Me perdeu
Meu amor
Você virou museu
(Virou Museu/Boa toada & Loira Marrenta²³)

No cenário contemporâneo nacional da cultura de massa, é possível observar dois movimentos que são, a princípio, antagônicos, mas que coabitam harmoniosamente a realidade social: a cultura da felicidade e a cultura da sofrência. A primeira tem se revelado no senso comum como elemento fundamental para nossa existência. A segunda é a versão moderna da antiga dor de cotovelo, dando voz musical a um sem número de corações partidos com representação expressiva pelos arranjos ditos sertanejos (BRASILIANSE e SEIXAS, 2020: 23).

Nessas quatro canções sertanejas é perceptível a utilização da palavra museu para denominar o ser amado cujo romance foi rompido, ou a si mesmo, numa distinção ao museu que guarda itens do passado. A rapidez de descarte do outro, cantada na música, nos chamou a atenção. Nesse sentido, Brasilianse e Seixas (2020: 27) apontam que:

as canções de sofrência buscam criar um cenário de uma tristeza alegre por assim dizer, da qual se apropria para uma rápida recuperação da desventura amorosa apoiada em uma autossuficiência neoliberal, uma aceleração no processo de superação do sofrimento para ser capaz de exibir sua felicidade, mesmo que efêmera, durando apenas o tempo da canção, ou da dança.

Aparentemente o rap dos Racionais MCs menciona o museu no mesmo sentido das músicas sertanejas, de deixar para trás aquilo que não é do agora, porque “quem vive do passado, memória, é museu”, porém retrata a dura vida nas periferias de São Paulo dos menos favorecidos.

(...) Louco é mato, tá cheio no morro não falta
Esses anos aguardou paciente
O limite é uma fronteira criada só pela mente
Conta com o que ficou e não com o que perdeu
Quem vive do passado, memória, é museu
Dinheiro, segredo, palavra-chave
Manipula o mundo e articula a verdade
(Crime vai e vem/Racionais Mcs²⁴)

A música gospel intitulada “velho museu” aborda a igreja/templo como uma instituição museológica, em que o ícone da fé passa a fazer parte do acervo.

22 <https://www.youtube.com/watch?v=9SrHvq2LwEk>

23 <https://www.youtube.com/watch?v=PGueYt97RPc>

24 https://www.youtube.com/watch?v=vCk4H_8TCBo

(...) Nas paredes do saguão seu amor em exposição
Nessa ala do museu a esperança da salvação
(...) Te penduraram num museu
Te expulsaram do meu convívio
Um velho quadro para ser olhado...
(Velho museu/Juliana Souza²⁵)

Roque (2011) tem estudado como o museu refere o sagrado, como exprime o pensamento imaterial e os sentimentos religiosos referenciados nos objetos litúrgicos e devocionais numa apresentação museológica.

Ainda sobre o entendimento de museu como lugar que guarda coisas velhas, a música de Siba e Chico César dizem da fotografia emoldurada que poderá fazer parte de um museu, quando o tempo passar. Uma percepção relativa a um museu que só incorpora ao acervo itens do passado, como se os objetos contemporâneos não fossem passíveis de musealização por não serem antigos.

Alô amigo
Eu vim aqui perguntar
Se você pode tirar
Em breve uma foto minha
Não é nadinha
De motivo especial
Só uma foto normal
Que eu pretendo emoldurar
Pois quando o tempo passar
Pode ser que ela até faça
Parte de um museu sem graça que ninguém quer visitar
(Coruja muda/Siba e Chico César²⁶)

O outro entendimento possível a partir da música “coruja muda” é que se o museu não for divertido, ninguém desejará visitá-lo. Essa percepção é apontada por Fróis (2011: 265), quando coloca que o sociólogo George Ritzer

comparou os grandes museus de arte contemporânea às catedrais do consumo e parques de diversão. Para cativar públicos, os museus e os parques de diversão põem em funcionamento quatro mecanismos: a simulação; a procura de satisfação para o impulso de consumo de objetos e de experiências; e a manipulação de duas dimensões – o espaço e o tempo.

Nesse sentido questionamos onde fica a arte, a ciência, a história, o conhecimento na sociedade do consumo, pois

da mesma forma que os produtos da cultura de massa exigiram a constituição de um grande público, de plateias, prerrogativa de um sistema mercadológico, no caso da arte e cultura “eruditas”, se faz necessário a constituição de um grupo receptor mais amplo, seja por questões de inclusão social, transmissão de valores culturais, seja pela necessidade, menos “nobre”, de estabelecimento/manutenção de um mercado, de constituição de um espaço de circulação de novas possibilidades (TONDATO, 2009: 72).

Talvez com essa provocação da Márcia Tondato, desse espaço de circulação das novas possibilidades, podemos compreender o museu contemporâneo cantado por Chico Roque e Serginho Bastos

25 <https://www.youtube.com/watch?v=mYi6IUGJV5E>

26 <https://www.youtube.com/watch?v=7VJbpRABrvk>

Dia de passeio na escola
Vamos juntos pro museu do Fu-manchu
Lá é um lugar tão diferente
Com coisas do passado, do futuro e do presente...
(Museu do Fu-manchu/Chico Roque e Serginho Bastos²⁷)

Fu-manchu é um super vilão da Marvel Comics, feiticeiro chinês que descobriu o segredo da imortalidade. Um museu que abrigue coisas do presente, do passado e do futuro poderia ser definido como contemporâneo?

Ser contemporâneo é antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, se distancia infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas faltar. (AGAMBEN, 2009: 65).

Estar aberto ao novo. Às novas possibilidades. Àquilo que ainda não chegou.

A música de Cazuza, de 1988, continua irreverente ao possibilitar o entendimento subjetivo de um museu contemporâneo, de grandes novidades, em que as coisas se repetem e que o novo é uma modificação do velho, antagônico àquele relacionado somente ao passado.

(...) A tua piscina tá cheia de ratos
Tuas ideias não correspondem aos fatos
O tempo não para
Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades
O tempo não para
Não para, não, não para...
(O tempo não para/Cazuza²⁸)

A banda de rock independente de Belo Horizonte, formada em 1985, lançou o terceiro álbum em 2001, intitulado Museu do Mundo, cuja música que dá nome ao disco nos apresenta um museu contemporâneo.

Há tantas coisas feitas
Para serem abandonadas
Edifícios na cidade
Filhos, altas velocidades
(...) Os amores e as estátuas
(...) Acúmulo de trastes
Museu de tudo e nada
São coisas muito tristes
As que ficam abandonadas...
(Museu do Mundo/O Último número²⁹)

A letra aborda as coisas feitas para serem abandonadas, do acúmulo, de um museu de tudo e nada com objetos de consumo emocional, como os amores e os filhos

E assim é numa cultura consumista como a nossa, que favorece o produto pronto para uso imediato, o prazer passageiro, a satisfação instantânea, resultados que não exijam esforços prolongados... (BAUMAN, 2004: 21).

27 <https://www.youtube.com/watch?v=X8F3Sf2GhnE>

28 https://www.youtube.com/watch?v=I_dKQpkApZI

29 https://www.youtube.com/watch?v=yVRUnF_1kX8

A banda de rock poetiza o museu contemporâneo ao abordar situações cotidianas de abandono e acúmulo de bens. Costa (2010:417) diz que os museus contemporâneos “ao abordarem as problemáticas do presente e interpretá-las, mobilizam os visitantes para a discussão, a desnaturalização do olhar e o choque cognitivo”.

Observamos que dezesseis músicas vão abordar a musealização³⁰ que, para Gomes (2013: 43) é

a capacidade de tornar objetos e indivíduos comuns em protagonistas exemplares da vida humana (representação), por meio de uma narrativa específica (expografia) oferecendo outras experiências sensoriais e interpretativas (discursos) e transformando o capital sociocultural (os saberes) em capital simbólico (patrimônio).

Brulon (2018: 191) coloca a musealização como “ato social de construção de valores e transformação de realidades por meio da comunicação museológica”. Músicas-narrativas de processos de musealização de objetos, pessoas, sentimentos, de si.

A música de Tônico e Tinoco, de 1981, possibilita o entendimento desse processo, de raiz e de construção de valores por meio dos objetos que retratam a vida cotidiana na roça, no sertão, e que se transforma oficialmente em um museu na cidade de Pratânia, local de nascimentos dos artistas, no interior de São Paulo.

Um arado e carpideira, puxado por animais
Na parede uma quaieira e um reio do capataz
Um berrante pendurado, um arreio e cinturão
Laço antigo enrodiado, um par de espora do peão
Uma espingarda as direita um quadro dos cafezais
Simbolizando a coieitas, a mostra dos cereais
Um restelo e uma peneira, enfeitando a exposição
Ferramenta cafeeira, um o primitivo pilão
Um véio chapéu de palha que custou pouco dinheiro
Capacete de batalha, humirdade dos roceiro
Atravessando o salão, a rede de pescaria
Uma viola e um violão o casar da simpatia
Um monjolo e uma carroça, engenho movido a mão
Tudo retratando a roça no museu do meu sertão
(Museu do Meu Sertão/Tônico e Tinoco³¹)

Guilherme e Neto canta os objetos da lida do cavaleiro, musealizados no museu do peão e ao mesmo tempo, e possibilita o entendimento de construção de um outro museu, não materializado, que é o museu do pensamento do boia-deiro que mantém viva sua infância e suas memórias.

(...) Ta lá em Barretos, no museu do peão
Meu bornal de tralha, e um velho cuitelo
Lamparina de lata, o serrote e o martelo
Um arco de pua, relepa e a enxó
Bodoque, peteca, pena de socó
Tem foice, facão, tem machado, que dó!
(...) Desse jeito que foi meu passado
Os meus cacós, ficarão guardados
É assim que corre o tempo, nessas coisas que eu invento

30 No artigo “Documento e musealização: entretecendo conceitos”, Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro e José Mauro Matheus Loureiro colocam que o conceito de musealização ainda está em aberto, e assim como outros conceitos, também é provisório, mas o trazem como “como processo (ou conjunto de processos) por meio dos quais alguns objetos são privados de sua função original e, uma vez revestidos de novos significados (LOUREIRO e LOUREIRO, 2013: 1)

31 <https://www.youtube.com/watch?v=rD-RHeA9zA0>

Minha infância ainda mora aqui
Está viva dentro de mim
No museu do meu pensamento
(Museu do meu pensamento/Os dois violeiros – Guilherme e Neto³²)

Os objetos musealizados são cantados na música dos Titãs, possibilitando o entendimento de que o museu é uma instituição do mundo globalizado, um desdobramento de nenhum lugar, nenhum pertencimento, que abarca artefatos de diversos locais e temporalidades.

(...) No interior da Bolívia zebras africanas
É cangurus australianos no zoológico de Londres
Múmias egípcias e artefatos incas no museu de Nova York
Lanternas japonesas e chicletes americanos
Nos bazares coreanos de São Paulo
(...) Crianças iraquianas fugidas da guerra
Não obtém visto no consulado americano do Egito
Para entrarem na Disneylândia
(Disneylândia/Titãs³³)

Sérgio Reis canta celebridades e ícones folclóricos na música, permitindo um entendimento de que quaisquer personalidades, reais ou fictícias, podem ser musealizadas no museu de cera, que “está a serviço da construção do imaginário e de novos heróis” (ALVARENGA, 2018: 53).

Eu fui num forró da gota num museu de cera
Vi tanta zoeira que vou te contar
Era meia noite ou mais e o sol esquentando
E gente chegando de todo lugar
Chegou mula sem cabeça com chapéu Panamá
E quem chegasse por lá veria tudo que eu vi
Bocage ouvindo o saci vendendo a perna de pau
E Frankenstein na sarau escrevendo pro Pitanguy
Cabral só ria e dizia que trem pavor de navio...
(Forró no museu de cera/Sérgio Reis³⁴)

O rock do grupo Engenheiros do Hawaii também faz referência a esses novos heróis, cujos rostos virão a ser expostos num museu de cera.

(...) Tem que pagar pra ver
Tem que ver pra crer
Quem viver verá
A cara desses caras num museu de cera
Quem quiser saber por que
E não quiser se arrepender...
(Museu de cera/Engenheiros do Hawaii³⁵)

MC Lipi traz o processo de musealização de itens do guarda roupa do mandrake, que na gíria dos funkeiros significa estiloso, descolado, que usa roupas de marca como Polo Play, Reserva e Ecko, destinadas a um público jovem de alto poder aquisitivo. A letra da música também permite um entendimento de que esse guarda roupa, com objetos pessoais, faz com que a casa (goma) possa ser considerado um museu.

32 <https://www.youtube.com/watch?v=ORULPHBODzk>

33 <https://www.youtube.com/watch?v=hCDQiPqWUug>

34 <https://www.youtube.com/watch?v=GKTt5pbrlXs>

35 <https://www.youtube.com/watch?v=TOwT4GtaD2c>

(...) E o guarda roupa dos menor ralé vale uma moeda
Faz um tempo que eu guardei as Polo Play e a Reserva
A Ecko³⁶, boné de laço, minha goma virou museu
(...) Meus robô virou sucata de tanto que eu roletei
(...) Pique museu dos mandrake, isso que é foda
Investimento forte, tô trajado nas fotos...
(Museu dos Madrake/MC Lipi³⁷)

A música de 2006, do Supla, polemiza o consumo desenfreado e faz referência assim como o funk do MC Lipi, à casa enquanto museu que abriga itens elitizados. Em contraponto a um possível “museu dos pobre” no qual ninguém é esnobe.

Só playboy tem Ipod
e os pobre só se fode
(...) mal chegou saiu de linha
só lançaram lá na gringa
chegou lá na loja seu pai vai comprar
o seu amigo já vai te copiar
se não bastasse roupas, computador e celular
você vai querer trocar
talvez more num museu
não abra mão do que é seu
te oferecem coisas pra comprar
sem utilidade pra você usar
(...) Museu dos pobre
ninguém é esnobe
Museu dos pobre
se diverte como pode
(Museu dos pobre/Supla³⁸)

Essa relação do museu com a própria casa foi palco para a constituição do Museu Tia Dodô, museu-casa de Maria das Dores Alves, no morro da Providência no Rio de Janeiro. Mulher negra, uma das maiores porta bandeiras da escola de samba da Portela disse que

sua casa sempre foi um “museu de pobre”, isto é, diz que pobre tem a mania de exibir tudo nas paredes, e sua casa era assim. As paredes da sala eram cheias de troféus e medalhas que conquistara pela Portela, e ela exibia ainda, em manequins feito de caixa de papelão, os vestidos que usara nos eventos (ALMEIDA, 2014: 98).

Casa-museu. O que é passível de ser musealizado? Objetos comuns? Do cotidiano? Pertences de anônimos?

A raridade e a importância histórica de uma viola é abordada na música de 1976 de João Pacífico, que perpassa esse questionamento. Se é tão rara e importante para a história do país, por que não está no museu? Nesse espaço salvaguarda da memória? Um alerta ao pesquisador, responsável pela instituição museal, ao “doutor”, de que está faltando a viola no museu.

(...) Venho trazendo nada mais que essa sacola
Dentro dela uma viola que foi do meu velho avô
Viola simples mas a sua antiguidade é uma grande raridade
que a história me deixou

36 Ecko Unltd. é uma marca de calçados e roupas criada pelo estilista Marc Ecko, identificada pelo logotipo de um rinoceronte e possui como consumidores jovens das classes A e B. Para mais informações veja <https://economia.estadao.com.br/noticias/geral,das-ruas-americanas-as-baladas-do-brasil-imp-,559201>

37 <https://www.youtube.com/watch?v=cGL7ttdGuZE>

38 https://www.youtube.com/watch?v=_XbtKWjpue0

Ela foi feita pelo escravo Desidério
Do Brasil ainda império no tempo da escravidão
(...) Logo depois, quando veio a liberdade
Meu avô deixou saudade mas a herança não morreu
Em homenagem aos violeiros estou falando

Seu doutor está faltando uma viola no museu
(Está faltando uma viola no museu/João Pacífico³⁹)

O rap de Boss AC e Gabriel o Pensador tocam nessa mesma questão sobre o que constitui o acervo dos museus. A letra traz que “Cabral descobriu muito menos do que eu/ Os meus descobrimentos não estão nos museus”, o que confere um entendimento de que os museus não estão valorizando esses descobrimentos na constituição dos acervos. Museus de quem? Para quem?

Sou carioca de Goa, de Angola e da Guiné
Cabo Verde, Moçambique, Timor-Leste e São Tomé
Macao, Portugal mas vim pela Galícia
Que a vida é uma delícia temperada nesse sal
Cabral descobriu muito menos do que eu
Os meus descobrimentos não estão nos museus
Nem nos livros de História mas estão na minha memória
E na dos meus amigos que navegam comigo...
(Um brinde à amizade/Boss AC & Gabriel o Pensador⁴⁰)

As novas conquistas da sociedade apontam para o fim do silenciamento e apagamento das memórias dos que não tinham voz, permitindo que a história seja sentida, lembrada e narrada por todos os extratos sociais e o museu, neste contexto, representa uma esperança de que se transforme em uma grande avenida, uma passarela, um desfile de informações, de conhecimentos, da vida, ligando-se ao bairro, às periferias, às escolas públicas, às fábricas (AMORIM, 2016: 15).

Esta história também é mencionada no movimentado samba-enredo da Escola de Samba Acadêmicos do Tucuruvi, que fica na zona norte de São Paulo, em menção ao museu de história natural de Nova York.

Uma noite no museu⁴¹ você e eu
Fazendo história nesse carnaval
(...) De belas artes a inspiração
A genialidade feita a mão
Da Grécia à modernidade
Lá onde o passado eternizou
Só a ciência revelou
(Uma noite no museu /Acadêmicos do Tucuruvi
Turko, Maradona, Rafa do Cavaco, Diego Nicolau,
Dr. Eduardo, Gustavinho Oliveira e Tinga⁴²)

O rap do Baco Exu do Blues anuncia esse movimento museal. Museus à procura do rei da poesia de escória, dos desfavorecidos, do desprezível, do que antes não era passível de constituir o acervo.

(...) Cortei minhas asas
Vejam minhas cicatrizes
(...) Museus estão à procura de mármore negro
Pra fazer uma estátua minha

39 <https://www.youtube.com/watch?v=lvay6qjL44l>

40 <https://www.youtube.com/watch?v=W8jaOQ639ds>

41 <https://www.revistamuseu.com.br/site/br/noticias/nacionais/4190-15-02-2018-academicos-do-tucuruvi-homenageia-museus-no-carnaval.html>

42 <https://www.youtube.com/watch?v=kPIWW4KrCQg>

50 por hora, nome gravado na história
Imortal na sua memória
Rei da poesia de escória
(Minotauro de Borges/Baco Exu do Blues⁴³)

Outro elemento crucial do processo de musealização – a coleção – é abordado na música gospel de Gerson Rufino. As trombetas e a moeda são objetos que foram selecionados para integrar o acervo desse museu do céu e se tornaram comunicacionais na interação com o público por meio da exposição.

(...) Eu entrei numa grande sala
Quando eu olhei chorei de emoção
Apareceu um anjo e mostrou
Relíquias sagradas de uma coleção
(...) Vi uma sala cheia de trombetas
(...) Eu vi exposta aquela moeda
Que Pedro encontrou dentro de um peixe
(...) Foi nesse sonho que Deus me mostrou
As maravilhas do museu do céu
(Museu do céu/Gerson Rufino⁴⁴)

Três músicas citam o museu em alusão ao amor.

A saudade como museu. A ausência de algo. Seria então um museu da ausência amorosa chamado saudade?

(...) Eu vi o mundo desabar
A saudade é o museu do amor
Que me faz viver para ser feliz
Porque você ainda mora em mim
(A saudade é o museu do amor/Biquini Cavado e Beth Hart⁴⁵)

A ausência do amor é contada por meio de objetos, fotografias e escritos no projeto colaborativo e interativo com os visitantes do *Museum of broken relationships*⁴⁶, que possui sede física na Croácia (Zagreb) e em Los Angeles. Digitalmente é possível acessar as histórias de término de diversos relacionamentos, a partir de um mapa mundi, com ícones de corações partidos. A música de Biquini Cavado e Beth Hart poderia ser o bastidor sonoro para inúmeros relatos, nos quais apesar da tristeza pelo término, os protagonistas afirmam sentir que o ser amado ainda habita seus corpos e pensamentos.

O rock Museu da palavra também permite o entendimento de um museu das memórias amorosas não felizes, que fazem mal, machucam e cicatrizam, mas que permanecem vivas nesse espaço emocional de quem as possui.

(...) Como pode o teu mal
Ser o meu abrigo
Meu próprio umbigo diz
Todo corte é vital
Toda cicatriz, nosso museu...
(Museu da palavra/Motel 11-11⁴⁷)

A música do Infinitario nos diz “que o amor fica trancado num museu porque lá fora tudo pode ser cruel” pode referenciar o museu como local de

43 <https://www.youtube.com/watch?v=iL42cInoVAA>

44 <https://www.youtube.com/watch?v=5KslbEEodcs>

45 <https://www.youtube.com/watch?v=PIJHuyBFy6w>

46 Museu das relações terminadas <https://brokenships.com/>

47 https://www.youtube.com/watch?v=_rzYIPHILaY

salvaguarda, de proteção. Um museu contemporâneo capaz de garantir integridade ao amor, apesar de tudo que possa coloca-lo em situação de vulnerabilidade.

Uma vez me disseram
Que esse mundo não é pra gente como nós
Que o amor fica trancado num museu
Porque lá fora tudo pode ser cruel
(...) Me faço museu de tudo o que hoje é esquecido
Me faço mais eu a cada sonho revivido
(Museu/Infinitario⁴⁸)

Bauman (2007: 8) ao se referir aos tempos atuais diz que “os indivíduos vivem em condições de incerteza constante”. E Oliveira (2019: 136) traz que “viver o amor e permanecer nele é tão difícil quanto encontrar o próprio amor, porque, para encontrá-lo, é preciso permanecer em amor para ser reconhecido por ele”. E o que é o amor nas relações humanas tão fragilizadas nesse tempo que temos vivido? Precisaremos todos nós edificar museus internos para preservar o amor de toda ameaça externa que nos arrebatava para a insegurança?

A música de João Ferreira possibilita o entendimento de um museu de si mesmo, que protege o sujeito da vivência da vida em sua potência. Na mesma perspectiva de museu como salvaguarda do patrimônio imaterial.

Saiba que ter não é poder
Deixe seu museu e vá viver
Quanto vale a vida pra você?
E tem o mundo que molda muitas pessoas
Limita seu espaço, lhe deixa quadrado
E não deixa a vida rolar
(Deixe seu museu/João Ferreira⁴⁹)

Para Teixeira, o teor do imaterial está na matéria viva da vida em curso. “Em se tratando de patrimônio imaterial, temos alargados os conceitos de patrimônio, e a defrontação de novos paradigmas para o olhar e fazer museológicos” (2014: 13). Novos museus “onde a voz da diversidade se materializa na sociedade em que está imersa, rompendo com a ideia de uma memória única, com uma aposta bem sucedida em novas lembranças, sem repetições do passado e do já produzido” (AMORIM, 2016: 44).

A imaterialidade, o intangível, são cantados por Chico César num processo de musealização de si, um sujeito museu, ao tornar-se museu dos elementos do vivido, e com desejo de ser visitado, pois o museu é seu mundo e sua experiência cotidiana, e está aberto para visitaçãõ.

Museu da luz, museu da pessoa
Museu da espera e do encantamento
Do calçamento ainda não pisado
E da calçada explodindo em flor
Musa, eu sou seu museu
Do jambo pendurado no jambeiro
E se sonha passa pássaro e balança baloiça
Museu do café amargo, num copo grande
Museu do corpo, meu corpo e o seu
E do aprendizado em outros corpos
Musa eu, sou seu museu
Musa eu, sou seu museu
Musa eu, sou seu museu da memória de ontem

48 <https://www.youtube.com/watch?v=X7ql9p4tdsc>

49 <https://www.youtube.com/watch?v=X7ql9p4tdsc>

Do musgo, do mel, da musica sem fim museu
Enfim museu do mar, do cheiro de mar museu
Espaço cultural, a ser preenchido pelo beijo
Fundação tremula, dos afetos acidenticos
Museu da mordida no lábio inferior
Da língua solta, do verbo encarnado transcolor
Museu do abraço experimental
Das almas atentas, antenas entre si, entrelaçadas
Da rede maca tipoia, museu do índio intimo
Contemporâneo místico
Museu do seu assum preto musa
Do somos do som do eco
Museu do somos do som do eco
(Museu/Chico César⁵⁰)

Outro entendimento possível a partir da letra de três músicas (Dama do Cassino; Sampa Midnight e Museu Rodin) é de museu como lugar de entretenimento, de fruição, de um espaço na cidade que faz parte do cotidiano dos transeuntes.

(...) Eu planejei sete luas de mel
Caravanas e tropas
Museus, paisagens, perfumes, vestidos
Receitas e roupas...
(Dama do Cassino/Caetano Veloso⁵¹)

Deu blackout na Paulista
Breu no Trianon
Cadê o vão do museu?
Sumiu
(...) Faltou light na Paulista
Breu no Trianon
Cadê a Consolação?
Escureceu o museu
Onde está o chão?
(Sampa Midnight/Itamar Assumpção⁵²)

Uma tigela de saudade, em cada café da manhã
Tomo banho, troco roupa, vou no museu Rodin
Sento bem naquele banco onde não bate sol...
(Museu Rodin/Oddish Castro⁵³)

Barbosa (2018: 139) afirma que contemporaneamente temos um grande aumento de visitas a exposições de arte, sujeitas a modismos, envolta a uma atmosfera de sofisticação no imaginário popular e conseqüentemente criando referências ao ego do visitante como sujeito “culto”, as exposições de arte estão nos jornais como mais um “programa” ou forma de lazer, juntamente com outras opções de entretenimento.

A música tema do Fun museu aborda essa dimensão, ao trazer a possibilidade de diversão e de experiência única.

50 <https://www.youtube.com/watch?v=mloPl68ojIU>

51 <https://www.youtube.com/watch?v=Fie80Q-5U94>

52 <https://www.youtube.com/watch?v=gkFRjsOGwqw>

53 <https://www.youtube.com/watch?v=EgAwwGlnzfk>

(...) Faço festa
Piquenique, tiro fotos
E caminho em BC
É diversão no fun museu
Experiência única
Vamos curtir o mundo daqui
Boas memórias compartilhar
(Fun museu/Tamires Caroline Pereira⁵⁴)

O museu seleciona signos do mundo e os organiza, de acordo com uma proposta de curadoria, dialogando com o público por meio de exposições do acervo que perpassam por uma narrativa, propiciando uma experiência inédita. Um evento único. Para Bakhtin (1993: 34 e 38), o valor do conteúdo constituído por meio da cognição abstrata é diferente de um conteúdo produzido pela experiência vivida, pois é afirmado no tom emotivo-volitivo, circunscrevendo todo o conteúdo-sentido no ato executado, relacionando-o ao ser-evento único.

A tragédia com o Museu Nacional se constitui como um evento único, que marca a história do país. O incêndio e suas consequências avassaladoras para a cultura, história e ciência brasileira são cantadas em quatro músicas.

(...) Nem pedra sobre o fogo
Museu Nacional
Os homens do futuro, eles jamais saberão
Das ondas nas calçadas desenhadas a mão
Ou alegorias que brilhavam na orla nas noites de luz
No arpoador
(Museu Nacional /Iara Ferreira e Ian Faquini⁵⁵)

(...) Diz aí Nacional
Queimo queimo queimo mas eu teimo
(...) Todos os museus merecem de vez
De uma vez por todas
Verba pública...
(O museu fala – queimo mas eu teimo/Anand Rao⁵⁶)

Fogo no museu e fogo na Amazônia
Foda-se o sistema, eu tô na Babilônia
Tudo que restou são cinzas de memória
Sangue pelas ruas, morte nas escolas...
(Nova Colônia/Orochi⁵⁷)

Muita história se queimou
Em um incêndio desleal
O país vai pagar com dor
Um prejuízo bem real
Sobre as cinzas que restaram
Muito choro derramaram
É tão pobre a nação
Que não conhece a sua história
(Museu/Anima Mea⁵⁸)

Cunha (2019: 2) aponta que o acontecido no Museu Nacional teve enorme repercussões no Brasil e no exterior e que numa carta publicada na revista *Science*, de 27 de setembro de 2018, 21 renomados pesquisadores fazem um alerta à comunidade internacional sobre o descaso com a ciência no país. Para

54 <https://www.youtube.com/watch?v=god0i9G-2Ls>

55 <https://www.youtube.com/watch?v=d03qVx8zBvs>

56 <https://www.youtube.com/watch?v=To8ZQmZJ3AQ>

57 <https://www.youtube.com/watch?v=OEUCO6Q-OpA>

58 https://www.youtube.com/watch?v=6BCNNSUCI_k

Santos (2018: 2) é desastroso o incêndio do Museu Nacional para nossa memória histórica coletiva e reflete como o Estado tem priorizado, insuficientemente, o desenvolvimento científico no Brasil.

Se por um lado há fragilidades no aporte de verba governamental para a manutenção e ampliação das instituições museais no país, há uma dificuldade de acesso à arte e aos espaços de cultura e de preservação do patrimônio devido às lacunas da formação escolar e de incentivo. Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)⁵⁹ de 2010, aponta que 70% da população brasileira nunca foi a museus ou a centros culturais e pouco mais da metade nunca vai a cinemas. Santos (2004: 56) aponta que a distribuição desigual e hierárquica de renda e educação no país também é um fator importante a ser contemplado para compreendermos o porquê de os museus permanecerem voltados para um público mais seletivo de interessados.

A música Bial permite o entendimento de que é necessário um arcabouço de experiências e muita dedicação para que seja possível a compreensão de uma obra contemporânea.

Desmaterializando a obra de arte do fim do milênio
Faço um quadro com moléculas de hidrogênio
(...) Minha mãe certa vez disse-me um dia,
Vendo minha obra exposta na galeria,
“Meu filho, isso é mais estranho que o cu da jia⁶⁰
E muito mais feio que um hipopótamo insone”
Pra entender um trabalho tão moderno
É preciso ler o segundo caderno,
Calcular o produto bruto interno,
Multiplicar pelo valor das contas de água, luz e telefone,
Rodopiando na fúria do ciclone (...)

(Bial/Zeca Baleiro & Zé Ramalho⁶¹)

A compreensão de produções artísticas perpassa a educação em museus, para que seja possível

olhar as pinturas [os objetos artísticos/ as imagens da cultura visual] como representações sociais, e não puramente estéticas (...) entendê-las em vários âmbitos de compreensão que transpassam disciplinas como a História (social e cultural), a Antropologia, a Estética, a Pedagogia e a biografia dos indivíduos (FRANZ, 2003: 139-140).

Os processos de mediação com o público, através da horizontalidade de obras contemporâneas, permitem o desprendimento de idealizações limitantes sobre a fruição da obra e tornam mais fluido o atravessamento de sensações a partir da contemplação/interação, dando ênfase ao processo em muitos graus.

Pode ser visto nas concepções sobre arte, artistas, museus, público; também na relevância dada aos processos, à participação, à interação e à criação de redes, ao social, à intervenção na realidade cotidiana. A relação de arte e artistas com o espectador é reinventada desde a interação; algumas obras não falam de outra coisa senão do próprio espectador, transformado em colaborador, criador e protagonista (ROMERO, 2019: 120).

59 https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent&ordering=3&limitstart=4520&limit=10

60 Cu da jia é uma gíria que significa coisa esquisita, estranha, difícil de entender.

61 <https://www.youtube.com/watch?v=g0cpiHvcDhs>

A partir daí o processo de criação vira processo de transformação dos públicos e participantes e também da sua realidade diária e cotidiana. O museu, antes distante como instituição, torna-se um recurso para olhar a realidade vivida e também compartilhada proporcionando mostrar caminhos para possíveis intervenções sociais.

Nossas considerações

As músicas dessa *playlist* abrangem diferentes gêneros musicais e permitem múltiplos entendimentos sobre museus, que perpassam os espaços físicos mencionados, a referência a coisas do passado, ao processo de musealização e constituição de acervo, ao patrimônio imaterial, a lugares de entretenimento, de experiência única e de dificuldade de compreensão da arte.

Elas buscam, através de suas composições, contar fatos e histórias cotidianas, bem como justificar, de alguma maneira, as ideias principais dentro de estrofes, melodias, progressão de acordes, ou algo que faça criar ou executar uma mediação ou observação.

Através dessas canções, os entendimentos sobre museus estão sendo disseminados a um público amplo, impossível de ser mensurado, seja via discos de vinil ou em plataformas de *streaming* por meio digital. Num país em que o acesso aos equipamentos culturais é tão restrito, ter contato com as instituições museais por meio da música pode ser uma oportunidade de aguçamento do desejo de visita, ainda que virtual, a esses espaços.

Os museus exploram a dimensão que a arte é inspirada pela música, e vice-versa e sugerem opções para incentivar o público a ampliar seus universos e suas emoções por meio de músicas. Repensamos nossas vidas quando sentimos emoções diferentes, procurando sentido por meio da natureza ou do compartilhamento de histórias. Através das músicas exercitamos nossa imaginação. Por isso a arte é essencial e não um privilégio de poucos.

Dessa pesquisa nasce a curiosidade por uma outra, para saber dos artistas que compuseram as letras dessas músicas, o entendimento sobre museu que eles possuem, os espaços que frequentaram, a relação afetiva com esses lugares e a inspiração que configurou a criação musical.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo?* E outros ensaios. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapeço: Argos, 2009.

ALMEIDA, Angélica Ferrarez de. Entre o “museu de pobre” e o “museu informação”: novos arranjos museológicos na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Confluências Culturais*, v. 3, n. 2, p. 94-104, 2014.

ALVARENGA, Jan Fausto Matias de. *Imaginando cera: representações da cultura pop no Museu de Cera Madame Tussauds de Londres*. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Museologia. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

AMORIM, Divaldo Luiz de. *Emergência de novas memórias nos espaços museais: a musealização de si e de nós*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, 2016.

ARANTES, Silvana. Questão de classe. Entrevista com Carlos Lyra. *Folha de S.Paulo*, 2/9, p. e1. 2005.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Toward a Philosophy of the Act*. Translation and notes by Vadim Liapunov. Austin, TX: University of Texas Press, 1993.

BARBOSA, Maximiliano Henrique. Arte e Entretenimento: aproximações. *Revista-Valise*, v. 8, n. 15, ano 8, p. 136-149, 2018.

BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BORBA, Flávia Paloma Cabral. Educação patrimonial como salvaguarda: alguns processos didáticos da mediação cultural em museus. In: *Educação patrimonial [recurso eletrônico]: práticas e diálogos interdisciplinares*. Átila Bezerra Tolentino, Emanuel Oliveira Braga (orgs.) João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2017.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. *Museologia e Patrimônio*, v. 11, n. 2, p. 189-210, 2018.

CESPEDES, Fernando Garbini. O gosto musical como arma: distinção social por meio de agressões entre usuários do youtube. *Linguagens - Revista de Letras, Artes e Comunicação*, v. 8, n. 2, p. 138-153, 2014.

CHAGAS, Mário de Souza; STUDART, Denise Coelho; VIEIRA, Ana Carolina Maciel; FARIA, Ana Carolina Gelmini de; AMARAL, Ana Luiza; COSTA, Paula Nunes; SOARES, Newton Fabiano. Museus e Público Jovem: percepções e receptividades. *Museologia e Patrimônio*, v.3, n.1, p. 49-66, 2010.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Narrative Inquiry: experience and story in qualitative research*. ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, Carina Martins. Expor, reter, transformar e/ou projetar: temporalidades em cena nos museus contemporâneos. *Cadernos Cedex*, v. 30, n. 82, p. 415-420, 2010.

CUNHA, Murilo Bastos da. Um museu em chamadas: o caso do Museu Nacional do Rio de Janeiro. *Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, p. 1-3, 2019.

FRANZ, Teresinha Sueli. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

FRÓIS, João Pedro. *As ideias nascem do real: ensaio sobre museus de arte*. Educação [en linea], v. 34, n. 3, p. 263-270, 2011.

GOMES, Carla Renata Antunes de Souza. *Do “fato museal” ao gesto museológico: uma reflexão*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia, Porto Alegre, BR-RS., 2013. 50 p.

IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus. *Museus em Números*/Instituto Brasileiro de Museus Brasília: Instituto Brasileiro de Museus, 2011.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus e LOUREIRO, José Mauro Matheus. Documento e musealização: entretecendo conceitos. *MIDAS Museus e estudos interdisciplinares*, n. 1, p. 1-13, 2013.

OLIVEIRA, Wanderley Costa de. O matrimônio segundo Kierkegaard frente ao amor líquido de Zygmunt Bauman. *Tematicas*, v. 27, n. 54, p. 119-138, 2019.

ROMERO, Júlio. Arte, interações, olhares e transformação: museus expandidos e práticas artísticas colaborativas. *Palíndromo*, v. 11, n. 24, p. 120-136, 2019.

ROQUE, Maria Isabel. *O sagrado no museu: Musealização de objectos do culto católico em contexto português*. Lisboa: Universidade Católica, 2011.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Museus brasileiros e política cultural. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 53-72, 2004.

SANTOS, Ricardo Ventura. "Olá + convite: 'Como as coleções terminam'": o incêndio do Museu Nacional e histórias compartilhadas Santos. *Caderno de Saúde Pública*, 2018; v. 34, n. 12, p. 1-3, 2018.

SPERLING, David. Museu contemporâneo: o espaço do evento como não-lugar. *Anais do Seminário Internacional Museografia e Arquitetura de Museus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

TEIXEIRA, Karina Alves. *O patrimônio imaterial sob a ótica dos museus: novas aproximações, perspectivas e rupturas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação Interunidades em Museologia do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2014.

TONDATO, Marcia Perencin. Artista-público-obra de arte no espaço social: contemplação, apropriação ou consumo? *MARCELINA*. Revista do Mestrado em Artes Visuais da Faculdade Santa Marcelina, ano 3, v.3, p. 69-79, 2009.